

A PRONÚNCIA DO NORTE

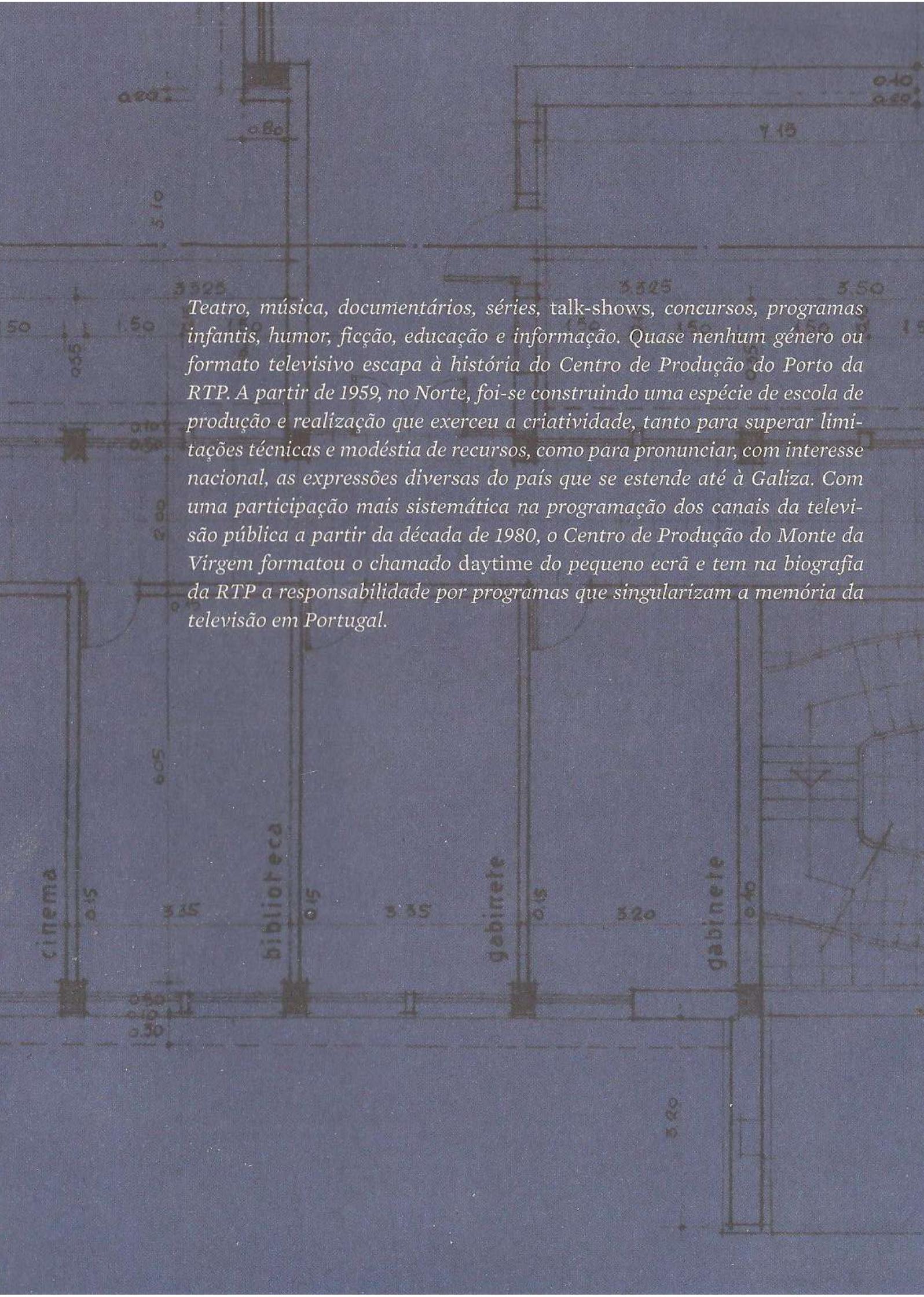
NOS BASTIDORES
DA PRODUÇÃO/
PROGRAMAÇÃO

MADALENA OLIVEIRA

chefe dos serviços administrativos

chefe de produção





The image shows a detailed architectural floor plan of a television production center. The plan is drawn on a grid and includes several rooms, each labeled with its function and dimensions. The rooms are: 'cinema' (0.15 x 3.15), 'biblioteca' (0.15 x 3.35), 'gabinete' (0.15 x 3.20), and another 'gabinete' (0.40 x 3.20). There are also various other dimensions and room numbers scattered throughout the plan, such as 0.25, 0.50, 0.80, 1.15, 1.50, 3.50, 3.55, 3.80, 3.90, 4.00, 4.10, 4.20, 4.30, 4.40, 4.50, 4.60, 4.70, 4.80, 4.90, 5.00, 5.10, 5.20, 5.30, 5.40, 5.50, 5.60, 5.70, 5.80, 5.90, 6.00, 6.10, 6.20, 6.30, 6.40, 6.50, 6.60, 6.70, 6.80, 6.90, 7.00, 7.10, 7.20, 7.30, 7.40, 7.50, 7.60, 7.70, 7.80, 7.90, 8.00, 8.10, 8.20, 8.30, 8.40, 8.50, 8.60, 8.70, 8.80, 8.90, 9.00, 9.10, 9.20, 9.30, 9.40, 9.50, 9.60, 9.70, 9.80, 9.90, 10.00. The plan also shows a staircase and a large open area on the right side.

Teatro, música, documentários, séries, talk-shows, concursos, programas infantis, humor, ficção, educação e informação. Quase nenhum género ou formato televisivo escapa à história do Centro de Produção do Porto da RTP. A partir de 1959, no Norte, foi-se construindo uma espécie de escola de produção e realização que exerceu a criatividade, tanto para superar limitações técnicas e modéstia de recursos, como para pronunciar, com interesse nacional, as expressões diversas do país que se estende até à Galiza. Com uma participação mais sistemática na programação dos canais da televisão pública a partir da década de 1980, o Centro de Produção do Monte da Virgem formatou o chamado daytime do pequeno ecrã e tem na biografia da RTP a responsabilidade por programas que singularizam a memória da televisão em Portugal.



Estúdio A, peça de teatro,
com cenário de A. Baganha [Pedro Baganha]

UMA TELEVISÃO DE COMPANHIA

Sendo hoje um dos programas mais icónicos do Centro de Produção do Porto da RTP, o *Praça da Alegria* é uma das expressões da originalidade que representou a criação do complexo do Monte da Virgem, em Vila Nova de Gaia. É o produto da exploração criativa deste núcleo que, a partir de meados da década de 1980, começou a idealizar o ecrã à imagem da rádio, com formatos de continuidade, sustentados na palavra conversada e numa mestiçagem de rubricas temáticas, convidados em estúdio e música. Para Luísa Calado, produtora aposentada da empresa pública de radiodifusão, «um dos eixos mais estruturantes da RTP Porto é a programação de fluxo»¹, que pode ser produzida no modo contínuo — sem cortes —, no modo contemporâneo — transmissão televisiva em direto — ou não contemporâneo².

Pioneira em Portugal no que hoje se chama o *daytime*, a RTP Porto conquistou gradualmente o espaço da manhã, estreando em 1985 o *12/13*, pouco depois antecipado para as 11 horas e passando em 1986 a romper a emissão ainda uma hora mais cedo com o *Às Dez*, que inaugurou, com a apresentadora

Ivone Ferreira, a experiência de ter regularmente público em estúdio e uma banda de música em direto. Precursor dos formatos mais contemporâneos, o *Às Dez* deu espaço aos apontamentos de conselhos úteis, com consultório jurídico e médico, à culinária, com Filipa Vacondeus e o chefe Silva, por exemplo, às notas de humor, de cinema (com Mário Augusto) e de moda (com Maria Luísa Lobo). Tinha também um espaço infantil, com um concurso apresentado por Maria João Carreira, que foi precisamente um dos rostos que conduziram o programa. Numa brochura da RTP Porto, de 1989, o programa é descrito como um «espaço matinal de divulgação em que a ginástica e a saúde merecem cuidados especiais», onde «semanalmente se sugerem as melhores e mais económicas receitas de culinária». Neste texto promocional, dizia-se ainda que, «pela manhã, os tempos do nosso quotidiano, a música portuguesa, as melhores comédias, séries de natureza e a banda desenhada fazem do *Às Dez* o seu programa TV da manhã».

O *Praça da Alegria* só estrearia em setembro de 1995, depois de outras produções

1 Entrevista, 5 de setembro de 2018.

2 Nazareth, 2016, p. 2.

posteriores ao *Às Dez*. Em 1990, lançar-se-ia *Ponto de Encontro*, um *talk-show* cujos apresentadores mudavam a cada duas semanas, convidados pelo então responsável da programação do Norte, Manuel Rocha. Inscrições nesta lógica de rotatividade, os rostos que passaram por este programa vinham também de Lisboa, como Nicolau Breyner, Ana Bola ou Vítor de Sousa. Um ano mais tarde, apareceria o *Bom Dia*, que resultou de uma experiência conjunta das direções de Informação e de Programas, intercalando o registo informativo com o entretenimento. Em 1993, o espaço das 10 às 13 horas seria ocupado com outro programa do mesmo género, o *Pela Manhã*. O jornalista Carlos Daniel, que chegou a apresentar o programa durante cerca de meio ano, tem a memória de um formato centrado num tema, em que «havia a banda de música no estúdio e havia rubricas, desde plantas a *bricolage*»³. Um ano mais tarde, apareceria o *Viva a Manhã*, apresentado por Manuel Luís Goucha e Anabela Mota Ribeiro, que se manteriam no *Praça da Alegria* a partir de 1995.

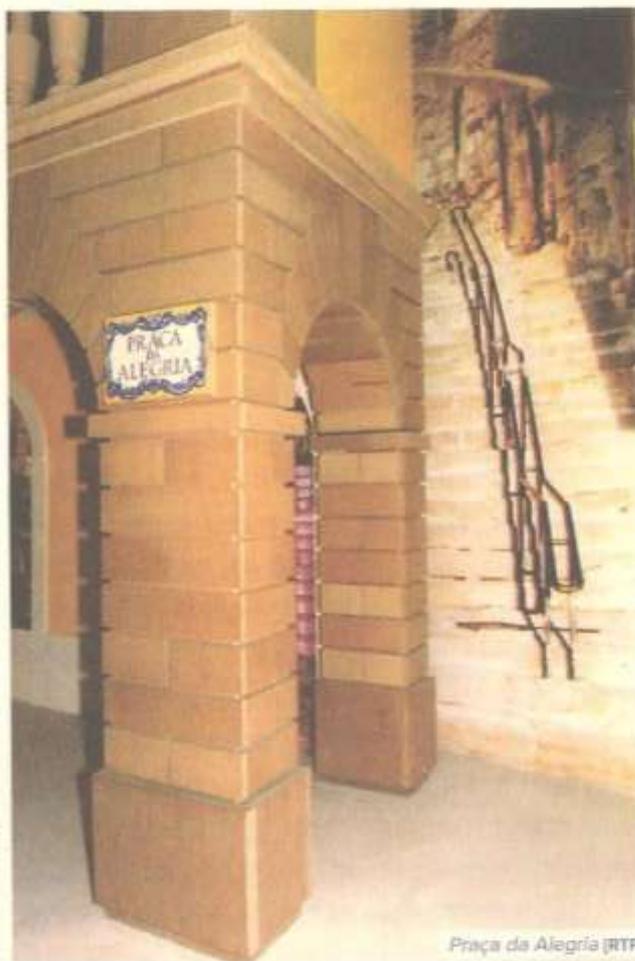
Ao contrário de outro tipo de produções mais episódicas, os programas da manhã representavam o desafio do trabalho diário em direto. Permitiram, por isso, um ganho de experiência para as equipas de produção e de realização. A mesma experiência que os realizadores daquela época Ângelo Peres e António Branco da Cunha levariam na década de 1990 para o curso de Licen-

ciatura em Comunicação Social da Universidade do Minho, onde durante vários anos responderam pela formação em Produção e Realização Audiovisual.

Capitalizando o saber ensaiado nos primeiros programas deste segmento, o *Praça da Alegria* é a síntese dos projetos anteriores, uma espécie de fórmula *premium* dos formatos da manhã. Inspirada numa revista de televisão italiana, onde terá visto fotos de praças típicas do Mediterrâneo a pretexto de uma produção de um canal local, Luísa Calado idealizou o programa explorando ao máximo a metáfora da praça, que remete «para a proximidade, para a intersubjetividade»⁴. Para a chefe de Departamento de Programas do Porto na altura, a palavra praça reunia tudo o que queria para contrariar a televisão cinzenta que ainda se fazia na época. A praça era, para Luísa Calado, que produziu o programa até janeiro de 2013, «um espaço de encontro, de convergência, aglutinador, de proximidade e onde tudo pode acontecer: conversas mais sérias ou mais frívolas, entretenimento, música, palhaços». Por outro lado, a praça «é habitada por várias personagens — o vendedor de jornais, o engraxador... Pode ter conversas em que haja conselhos, pode ter uma miniorquestra, pode ter lojas, culinária, restaurantes...». À simbologia da praça, Manuel Luís Goucha acrescentou o nome que condizia com tudo o que se desejava então para

3 Entrevista, 3 de outubro de 2018.

4 Entrevista, 5 de setembro de 2018.



Praça da Alegria (RTP)

criar um programa colorido e animado. Ficou *Praça da Alegria*.

A oportunidade do nome estendeu-se pela cenografia do arquiteto Mário Santos, que se inspirou na Praça da Ribeira no Porto, imitando, numa área de cem metros quadrados, arcadas de pedra, fachadas de azulejos, a calçada portuguesa e o espaço característico das esplanadas da zona ribeirinha. Manuel Luís Goucha, que antes tinha sido autor de uma rubrica de culinária, passou numa espécie de *casting* e foi o rosto eleito para dirigir o programa. Conduziu-o inicialmente com Anabela Mota Ribeiro e

depois apenas assistido por Sónia Araújo até 2002 (ver p. 115). Num cenário de café, o *Praça da Alegria* tornou-se, como se reconhece no Relatório Anual de 1997, ano em que se assinalou a 500.^a emissão, «o polo dominante de toda a produção [do Porto] [...] com um impacte importantíssimo não só a nível nacional mas também internacional, devido à sua difusão em direto pela RTPi».

Porque procurava recriar no estúdio o espaço típico da rua, de uma praça, o *Praça da Alegria* convidava ao movimento. Rompendo então com o carácter estático

que caracterizava os programas de estúdio até então, o *Praça da Alegria* constituiu também um desafio para os operadores de câmara e os realizadores. A mudança, no final de 1998, do Estúdio A para o Estúdio C, com mais espaço (cerca de 600 metros quadrados), permitiu, entretanto, incluir ainda uma banda residente (a Banda da Orquestra Salão Jardim do Coliseu do Porto), renovar os cenários (nomeadamente por ocasião das duas mil emissões, em 2003, e do décimo aniversário, em 2005) e diversificar o tipo de convidados, às vezes grupos relativamente numerosos ou acompanhados de artefactos de considerável dimensão, como instrumentos ligados ao artesanato.

Dirigido especialmente ao público que está em casa na hora de expediente e «regularmente produzido em fluxo contemporâneo em estúdio de televisão»⁵, o *Praça da Alegria* transportou para a televisão a vocação de companhia própria da rádio. Muito alinhado com o que Inger Stole define como a *early daytime television industry* americana, o *Praça da Alegria* afirmou-se como um programa de proximidade, de encontro, de participação das pessoas, enfatizando, como é característico de uma certa programação diurna, «a culinária, a costura, as compras, assim como os conselhos de beleza e de moda»⁶. Como se refe-

ria num trabalho do jornal *Público* alusivo à comemoração dos dez anos do programa em 2005, «o *Praça da Alegria* foi um caso de sucesso baseado no afeto e contacto com o público que está disponível de manhã e, em grande medida, com as comunidades portuguesas no estrangeiro»⁷.

O que, no entanto, notabilizou o programa foi a atenção a outras geografias. «Não é um programa do Norte», explicam Jorge Gabriel e Sónia Araújo, a dupla que apresenta o programa desde 2002 — apenas com uma interrupção entre 2013 e 2015 (ver p. 116). «É um programa para o mundo, que é visto no mundo pela RTPi», cujo privilégio de ser feito no Norte se prende com a oportunidade de, sem provincianismos, dar protagonismo a uma região do país que teria dificuldades de deslocação a Lisboa. É também por isso que o *Praça da Alegria* é tão acarinhado, segundo os apresentadores, pela diáspora, já que, como lembra Jorge Gabriel, «o maior fluxo de emigração portuguesa está do Rio Mondego para cima». Foi, aliás, de acordo com o jornal *Público*⁸, «o primeiro programa a estabelecer um elo 'muito forte' com os portugueses espalhados pelo mundo». Foi, por outro lado, o programa que projetou nomes de referência das mais diversas áreas da cultura portuguesa, como «o chefe Rui Paula, que

5 Nazareth, 2016, p. 139.

6 Stole, 2003, p. 69.

7 «Praça da Alegria faz dez anos e retoca a fórmula» (2005, 12 de setembro). *Público*, p. 42.

8 12 de setembro de 2005.

ninguém sabia quem era em Lisboa»⁹, diz Jorge Gabriel, ou o músico André Sardet. Para o apresentador, «é evidente que a RTP Porto pode servir de alavanca para a exposição de outras capacidades artísticas que a televisão e o serviço público de televisão têm de transmitir. Há muito trabalho teatral a norte e que não chega a ninguém. Há muita composição musical que não chega aos grandes centros, a Lisboa, e que é apenas conhecida aqui no Porto».

Para os profissionais do Centro de Produção do Porto, a programação da manhã foi minorizada pelas direções de Lisboa até ao início das televisões privadas. Depois, ter-se-á começado a perceber que a emissão antes do almoço tinha também uma função de âncora para o *Jornal da Tarde*, igualmente feito a partir de Vila Nova de Gaia. O sucesso finalmente reconhecido do formato, entretanto mimetizado pelos canais privados, acabaria por motivar o lançamento, em 2003, de *Portugal no Coração*, apresentado inicialmente por José Carlos Malato, Merche Romero, Maria João Silveira e Marta Leite de Castro. Projetado para ser produzido em Lisboa, o programa foi, no entanto, conquistado pelo responsável pela realização no Porto, Castro Ribeiro, para o Estúdio C do Monte da Virgem, que ficava livre depois da emissão do *Praça da Alegria*, sendo necessário rentabilizar os seus meios técnicos e humanos.

Inspirado no programa homónimo *Portugal no Coração*, lançado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros com o objetivo de «proporcionar uma estadia de curta duração em Portugal a cidadãos idosos, portugueses, residentes no estrangeiro»¹⁰, o *Portugal no Coração* da RTP não tinha como finalidade ser «um programa de entretenimento vulgar». De acordo com o produtor Pedro Bessa, o objetivo da proposta televisiva «era trazer ao povo português que vive no território nacional o destaque dos notáveis que lá fora existiam. A ideia era mandar repórteres lá fora ter com o empresário A, ou o cientista B, ou o simples indivíduo que tem o grupo folclórico. Era também ter telefonemas em direto de emigrantes destacáveis»¹¹.

Com três emissões por ano fora do estúdio, lá onde estão as comunidades portuguesas, o *Portugal no Coração* foi ousado na produção no estrangeiro. Ao contrário de outras emissões que se deslocavam para fora a pretexto de eventos, como a entrega de Macau à China, este foi o primeiro «programa de entretenimento totalmente no estrangeiro com criação, produção e execução da RTP», lembra Pedro Bessa, assinalando que, «ainda para mais, era tudo do Porto». Para o então responsável pela área de operações de produção, «neste projeto e neste período, a RTP Porto atreveu-se a fazer coisas que Lisboa não fazia». Sendo um programa de dimensão

⁹ Entrevista, 26 de março de 2019.

¹⁰ Ver https://www.portaldascomunidades.mne.pt/images/EMI/pdfs/Regulamento_Portugal_no_Coracao.pdf

¹¹ Entrevista, 19 de setembro de 2018.

nacional liderado pela RTP Porto, o *Portugal no Coração* foi «um projeto extremamente arrojado» que chegou inclusive a fazer uma emissão a partir da Torre Eiffel, em Paris. Segundo Castro Ribeiro, «nunca ninguém tinha feito e nunca mais nenhuma televisão do mundo fará»¹², por razões de segurança. Até 2007, quando o programa passou para Lisboa, onde em junho de 2014 foi substituído por *Verão Total*, o *daytime* do Primeiro Canal da RTP era um exclusivo do Porto, que assegurava diariamente, de segunda a sexta-

-feira, para o país e para a comunidade portuguesa no mundo, a emissão das 10 às 17 horas. Herança da aposta de Elísio Oliveira — que, na década de 1980, regressado do Canadá, entendeu que a principal vocação do Centro de Produção do Porto seria a realização de programas em direto, de baixo custo —, a programação orientada para a função de companhia tornou-se uma espécie de marca da RTP Porto, inclusive nas frequentes deslocações da emissão do estúdio para o exterior.

UMA TELEVISÃO DE VARIEDADES

Apesar da especial dedicação da RTP Porto a programas de fluxo, caracterizados pelo «baixo custo de produção, devido à rentabilidade da cenografia» e ao facto de «o tempo de produção ser coincidente com o tempo da história»¹³, a trajetória deste centro de produção em matéria de programação não se resume aos programas *daytime*. Embora o final da década de 1970 tenha sido pouco produtivo — de uma certa estagnação que a chegada de Elísio Oliveira à direção de produção conseguiu finalmente inverter, com uma investida em programação de continuidade para a franja da manhã —, as primeiras duas décadas de existência do Centro de Produção do Porto

correspondem a um período de difusão cultural.

Na verdade, os primeiros conteúdos produzidos e realizados neste âmbito a partir do Monte da Virgem estão ligados às artes de espetáculo, como o teatro e a música, e às expressões de cultura popular, como o folclore. Fazia-se teatro em direto. Recordo o realizador Ângelo Peres que «não importava se aquilo tinha espectadores ou não. O que era importante era que a empresa pública tinha que zelar pela cultura portuguesa e dar a conhecer aquilo que se produzia no país»¹⁴. Era o tempo de Correia Alves, realizador que, não tendo experiência de televisão, vinha do teatro, onde era encenador. «O teatro parecia

12 Entrevista, 16 de outubro de 2018.

13 Nazareth, 2016, p. 140.

14 Entrevista, 12 de fevereiro de 2018.





uma vocação daqui»¹⁵, conta Antero Nunes, responsável pelo arquivo. Num tempo que ainda não conhecia as telenovelas, o teatro era o que mais aproximava a televisão do género dramático, ainda que com exigências de produção particulares. Pedro Souto e Castro, assistente de realização que trabalhou com Correia Alves, lembra que «no teatro era preciso mudar as lentes das câmaras conforme o plano que o operador ia dar: quando era um plano geral era uma lente, quando

era próximo era outra»¹⁶. Do ponto de vista da captação de som, o recurso a microfones do tipo *perche* exigia que os atores falassem muito alto, como se realmente estivessem a fazer teatro. Este detalhe, que Jorge Paupério lembra a propósito da introdução dos microfones de lapela, era característico de um tempo em que a produção estava ainda pouco apta para a realização de ficção.

Contemporâneo do teatro radiofónico, o teatro de televisão foi, para Antero Nunes,

15 Entrevista, 29 de maio de 2018.

16 Entrevista, 7 de junho de 2018.

«um grande ponto forte que deu trabalho ao Porto durante muito tempo». Para além das peças exibidas, o teatro deu o mote a alguns programas sobre as produções em cena nas salas de espetáculo nacionais e até um programa didático em que o encenador, ator e dramaturgo português Castro Guedes ensinava como fazer teatro. Jorge Paupério era um dos atores que entravam no programa para exemplificar as lições do apresentador, ilustrando «como o ator deve fazer ou não deve fazer»¹⁷.

Nos primeiros anos também se fazia música em direto. Alguns dos primeiros concertos transmitidos, sobretudo de música clássica, estão ligados ao nome de Jorge Listopad, escritor e encenador português de origem checa que entrou para os quadros da RTP como realizador no Monte da Virgem. Tal como o teatro, que procurava sobretudo os atores do Norte, também os programas musicais davam o ecrã a «grandes músicos do Porto e muitos outros, até brasileiros», que atuavam, conta Ângelo Peres, «normalmente na base de dois instrumentos, piano e violoncelo, mas às vezes maiores»...

Num registo de outro extremo, o folclore também está na traça original do Centro de Produção do Porto, associado à figura do folclorista Pedro Homem de Mello. No estúdio os grupos dançavam e o apresentador acrescentava notas didáticas sobre os agrupamentos e as regiões do país de onde eram originários. Depois desta primeira

fase, o folclore também levou os realizadores para a rua, acompanhando o ritmo do dançar e do cantar nas eiras e nos campos.

Foi também com um programa musical, *O Povo e a Música*, uma série documental exibida na década de 1970 que procurava mostrar as raízes da música portuguesa, que a RTP iniciou, em 1979, as gravações a cor. Numa edição de outubro desse ano, a revista *TV Guia*¹⁸ considerava «a escolha acertadíssima», sugerindo que não poderia «haver maior colorido do que as saias das moçoilas do Minho ou as camisas dos pescadores da Nazaré». Referindo que não tardaria que os espectadores se deliciassem «com os trajes que usavam os nossos avós, em sintonia com a região donde emanam», a publicação era sugestiva do entusiasmo que a produção de televisão a cores representava: «Imaginem só a riqueza pictórica desta gravação: os ranchos de CIDACOS (Oliveira de Azeméis), as 'Lavradeiras da Trofa', o rancho da Amorosa, de Leça da Palmeira, os 'Sargaceiros da Apúlia', o Rancho Etnográfico de Vila Praia de Âncora e, mais para o interior, para a Beira Alta, os ranchos de Gouveia e de Torredeita, de Viseu». Liderada por Adriano Nazareth, a equipa técnica responsável por estas gravações era integrada, entre outros profissionais, por Ângelo Peres, assistente de realização, Maria Júlia, na função de anotadora, e Gabriela Teles e Jorge Vieira como produtores.

17 Entrevista, 14 de setembro de 2018.

18 «RTP Porto arranca com gravações a cores» (1979, 12 a 18 de outubro). *TV Guia*.

Acompanhando o ritmo a que a música entrava nos hábitos de consumo dos públicos, por força das rádios-piratas que emergiam em grande número, na década de 1980, a RTP Porto assinou um vasto conjunto de produções de âmbito musical. Distinguem-se, por exemplo, *Fronteiras da Música e Nós e a Música* (1981), *Desenhando sobre Música e Musicaqui'* (1982), *Jovens na Música* (1985), *Festa Rija* (1986), *Adágio e Videopolis* (1985) ou *A Música dos Outros* (1994), além da emissão de concertos pontuais. Os conjuntos musicais estavam também na agenda

da produção. Antero Nunes lembra que «o primeiro conjunto que inaugurou os estúdios do Porto foi o Pedro Osório, que partiu num carro tipo *Rolls Royce*, atravessou a Ponte D. Luís e foi acompanhado até ao estúdio pelo Adriano Nazareth».

Junta-se à produção de documentários, por vezes mais avulsa do que sistemática, a produção de biografias, como a que foi emitida, em 1976, sobre Guilhermina Suggia, uma peça de 35 minutos, com realização de António Faria, produção de Ana Maria Roseira e locução de Fernando Rocha



Filmagens na Ribeira do Porto,
numa co-produção com a televisão francesa
(Guilherme Castro Henriques)

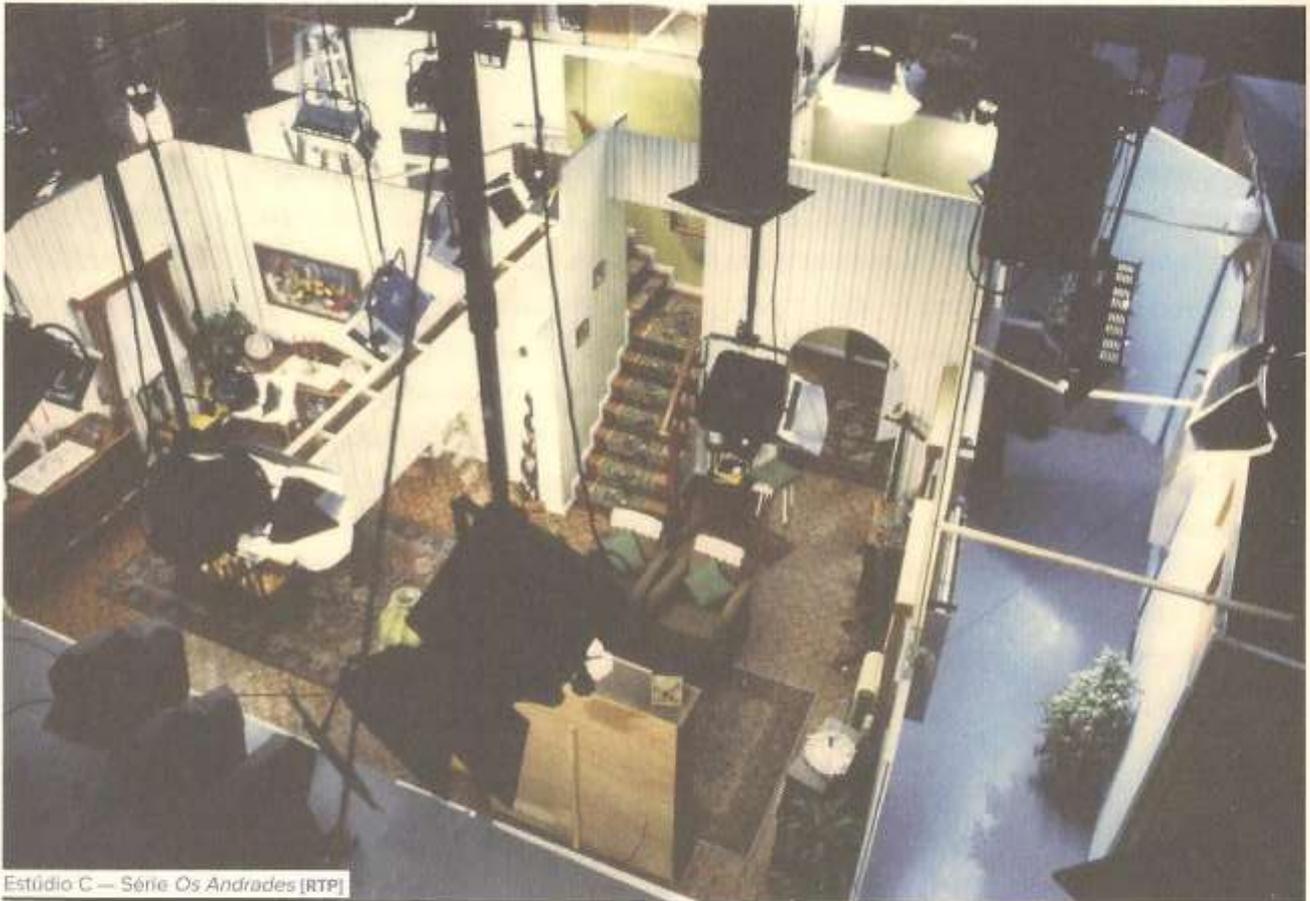
e Fátima Martins. Na década seguinte, continuava-se a mencionar a produção de biografias nos Relatórios Anuais. Em 1985, por exemplo, fazia-se referência a uma biografia do escritor português João Araújo Correia.

O plano da ficção é talvez aquele em que a atividade do Centro de Produção do Porto é menos expressiva. Com efeito, a realização de seriados (de ficção não infantil) a partir de 1993 — promovida sobretudo por Manuel Rocha — não foi muito além de uma espécie de experiência de laboratório inicial, o que se prende menos com a falta de competências do que com a falta de orçamento. O Porto já tinha feito produções para crianças e, em 1979, adaptou para televisão *O Homem Que Matou o Diabo*, de Aquilino Ribeiro, uma das maiores produções de exteriores da RTP. Séries propriamente ditas, no sentido de produção com episódios, o núcleo de produção do Porto fez pelo menos três. A primeira é, na verdade, uma *sitcom* passada num *health club* que dá nome ao conjunto, *Clube Paraíso*. À semelhança do teleteatro, também no seriado o Centro de Produção do Monte da Virgem fez, neste campo, o que Luísa Calado vê como «uma aposta nos agentes culturais do Porto, nos autores e atores do Porto». Da autoria de Carlos Tê, Álvaro Magalhães e José Martins, a série beneficiou da experiência do realizador Paulo Afonso Grisolli na telenovela brasileira, mas exigiu muito das equipas técnicas do Porto, nomeadamente

ao nível dos cenários e dos adereços. Para Luísa Calado, «esta experiência foi muito importante a nível da relação da RTP Porto com a região onde está inserida». De acordo com a produtora, «havia mesmo uma intenção de trabalhar, potencializar e capitalizar os autores e atores do Porto». Apesar de ser uma história que deu mais expressão aos homens do que às mulheres, e talvez por isso uma série de sucesso moderado, Luísa Calado suspeita que esta produção corresponde a um dos períodos em que «o Porto foi mais aberto, também um bocadinho disruptivo».

A *Clube Paraíso* sucede-se a série *Os Andrades*, apresentada curiosamente como uma *sitcom* sobre «as aventuras e desventuras desnorteadas... de uma família do Norte». Realizada por António Moura Mattos, também realizador brasileiro, e produzida por Mário Rui Ferreira, a série da autoria de Álvaro Magalhães e Manuel António Mota¹⁹ desenrolou-se em episódios de 30 minutos que retratam as histórias atribuladas da família Andrade. À segunda-feira, liam-se os textos. No resto da semana, gravava-se. Menos complicado do que *Clube Paraíso* — que implicava a entrada em cena de grupos por vezes numerosos (até 15 pessoas) — *Os Andrades* lidava apenas com quatro ou cinco atores, que correspondiam ao núcleo íntimo da família Andrade. Os episódios eram baseados em casos reais e isso fazia com que as pessoas se reconhecessem na história.

19 O nome com que Manuel António Pina assinou este programa.



Girando também em torno de uma família, a de um casal unido em segundas núpcias, *O Meu, o Teu e o Nosso* voltaria a juntar os nomes de Álvaro Magalhães e Manuel António Mota, desta vez com a realização de Ângelo Peres. A série teve apenas 13 episódios, exibidos em 1999, e contava a história dos atritos de três meios-irmãos e de uma avó que tinha como passatempo preferido navegar na internet. Tratava-se de mais uma produção inteiramente nacional, «ao contrário de muitos programas do género que correspondem a versões de séries espanholas

ou americanas», escrevia, na altura, o jornal *Público*²⁰. Orçada «em pouco mais de 50 mil contos», como informava o periódico, a série *O Meu, o Teu e o Nosso* evitou o pendor regionalista que tinha *Os Andrades*, ao mesmo tempo que procurou transmitir uma mensagem pedagógica, sugerindo que «as famílias podem viver em harmonia mesmo que não exista uma total consanguinidade»²¹.

É também na década de 1990 que a RTP Porto produz alguns programas de concursos, como *Jogo de Cartas*, *Caça ao Tesouro*, *Mais Portugal - Portugal ao Desafio* ou *Efe-erre-á*.

20 «Tudo em família» (1999, 5 de maio). *Público*.

21 *Ibidem*.

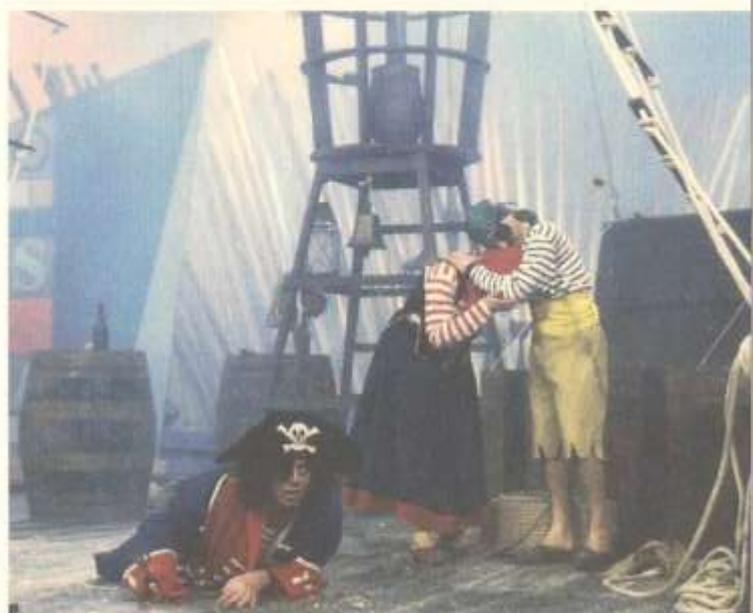
Pela mesma época surgiam os programas de magia protagonizados por Luís de Matos, que tinha aparecido pela primeira vez num *Natal dos Hospitais*, ainda miúdo, e sido chamado depois por Luísa Calado para ir de vez em quando ao programa da manhã. Em 1992, por exemplo, estreava *Isto é Magia*, um programa interativo, com recurso a tecnologias. Era um programa da manhã, a que se sucedeu, em 1994, *Noite Mágica*, também feito a partir do Porto e, como o próprio nome sugere, um programa da grelha noturna. Em 1996, Luís de Matos conduzia o *Ilusões* e em 2000 e 2001 a RTP produziu 26 programas de *Luís de Matos ao Vivo!*

Pedro Souto e Castro via nestes programas um desafio diferente dos outros, porque «os programas do Luís de Matos tinham que ser muito estudados. Havia muitos ensaios. Eram os mais difíceis de gravar e obrigavam à realização de muitos ensaios. As câmaras tinham de ser fixas e nós [o pessoal da equipa técnica] tínhamos de saber os truques».

ENTRE COMPLEXO DE INFERIORIDADE E RESILIÊNCIA

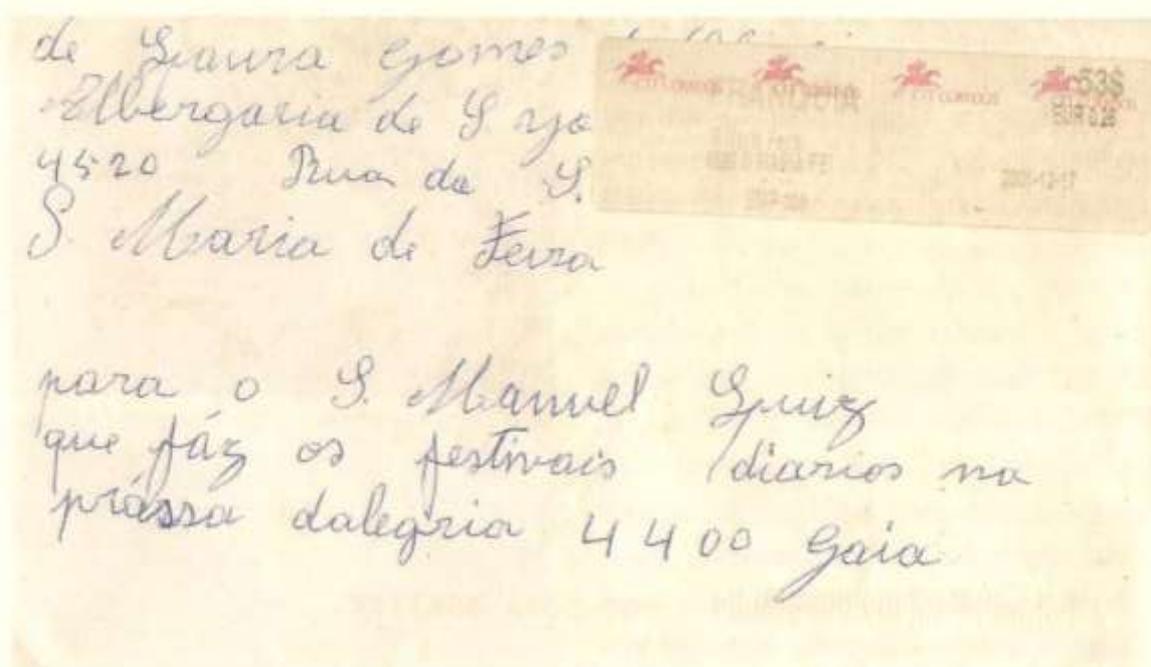
Não sendo uma mera delegação do centro matriz situado em Lisboa, o Centro de Produção do Porto da RTP padecia de uma certa falta de autonomia para lançar ideias novas. Os trabalhos de produção e a participação nas grelhas de programação dos canais da estação dependiam de apreciações e autorizações, por norma, centralizadas na

*Produções Natal dos Hospitais,
Efe-erre-á e Portugal
ao Desafio, Estúdio C [RTP]*



capital, exigindo a negociação permanente entre as respetivas chefias. Não obstante estas circunstâncias, o Centro de Produção que se ergue no Monte da Virgem não apenas produziu conteúdos para a televisão pública, como também se foi produzindo a si próprio. Do senso comum as equipas técnicas terão tomado como séria a ideia de que a necessidade aguça o engenho. A essa arte se deve, por exemplo, a repetição, pela primeira vez, das imagens de um golo durante uma transmissão de futebol a partir do Norte. Já do carácter norte-nho terão seguido uma certa solidariedade

intimista que muitas vezes foi o húmus da produtividade. No Centro de Produção do Porto a pronúncia do Norte não é o sotaque do Norte. É a expressão das idiosincrasias regionais por detrás das câmaras, a promoção de valores culturais e artísticos de fora do *mainstream*. Não seria, pois, propriamente pelos acentos de uma língua que o Centro de Produção do Porto se imporia numa estação de serviço público.



Envelope endereçado em 2001 ao apresentador do Praça da Alegria, entregue pelos CTT [Luísa Calado]

PRAÇA DA ALEGRIA: A MUDANÇA DO LEME

Depois de sete anos a dar rosto ao programa, Manuel Luís Goucha deixaria o *Praça da Alegria* em setembro de 2002. O anúncio da transferência do apresentador da RTP para a TVI precipitou uma mudança que apanharia de surpresa a equipa de produção e a assistente Sónia Araújo. O contacto com Jorge Gabriel foi rápido, mas Sónia Araújo assumiria sozinha a condução do programa durante uma semana. A apresentadora lembra que, «no final do programa, a RTP Porto estava em peso atrás das câmaras, a apoiar e a bater palmas», numa demonstração de união, «esse espírito que», diz Sónia, «se vive aqui»²².

De Lisboa para o Porto, num movimento contrário ao que fizeram muitos outros profissionais que iniciaram a carreira no Norte, Jorge Gabriel voltaria então a trabalhar com Sónia Araújo, depois de uma apresentação pontual do Festival da Canção em Lamego um mês antes. O *Praça da Alegria* mudou de rosto, mas, no essencial, manteve a mesma identidade de programa de palavra, fixado numa espécie de cavaqueira ora sobre trivialidades do quotidiano, tradições, ofícios mais excepcionais, talentos escondidos e histórias de vida, ora interrogando ou explicando com a propriedade de especialistas os temas e as preocupações da vida moderna.

Anos mais tarde, em 2015, Manuel Luís Goucha faria, em declarações ao projeto



© Praça da Alegria no exterior [RTP]

online Vox Pop TV, o seguinte comentário: «Perante a minha saída inesperada, [Sónia Araújo] teve de assumir, pela primeira vez, o comando da emissão e fê-lo de tal forma que não mais o deixou, ainda que partilhando-o com Jorge Gabriel. Nascia assim uma dupla de primeira linha, inevitavelmente ligada ao programa das manhãs da televisão pública.»²³

²² Entrevista, 26 de março de 2019.

²³ Vox Pop TV, 29 de julho de 2015.

O DESVIO DO PRAÇA DA ALEGRIA A LISBOA

Em dezembro de 2012, a Administração da RTP anunciou a transferência do *Praça da Alegria* para Lisboa. De acordo com a imprensa da altura, que citava a Administração, os ajustamentos feitos aos centros de produção da empresa visavam «uma melhor rentabilização de meios de produção e gestão de equipas, tanto no Porto como em Lisboa»²⁴. A notícia foi mal acolhida quer pela Subcomissão de Trabalhadores da RTP Porto, quer pela sociedade civil, tendo inclusive mobilizado a classe política. Deputados socialistas pelo Porto pediram, por isso, uma audiência com o presidente do Conselho de Administração. Citado pelo *Correio da Manhã*, por sua vez, Luís Filipe Meneses, então presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, dizia que o *Praça da Alegria* «é o último sobrevivente, a última palavra do Norte, por onde ainda passam pessoas da região. [Retirar o programa ao Norte] seria retirar-nos totalmente do mapa»²⁵. Em declarações ao *Expresso*, também o então presidente da autarquia do Porto, Rui Rio, criticou a decisão, considerando que a transferência

do programa para Lisboa contribuía «para afunilar ainda mais o país em torno da sua capital»²⁶.

Numa moção aprovada pelos trabalhadores da RTP Norte, considerava-se a transferência do programa para Lisboa uma estratégia «profundamente aviltante, centralizadora e macrocéfala». No documento, os funcionários definiam o *Praça da Alegria* como «o único programa de grande audiência da televisão portuguesa que dá verdadeira voz às forças vivas do Norte e das regiões do país». A 20 de dezembro, uma vigília juntaria à porta do Centro de Produção do Monte da Virgem várias dezenas de pessoas — de trabalhadores da RTP a figuras públicas — em protesto contra a deslocação do programa para Lisboa. Ouvido numa reportagem da própria RTP²⁷, emitida no dia seguinte, D. Manuel Martins, bispo emérito de Setúbal, natural de Matosinhos, comentaria a transferência do programa como «uma agressão à gente do Porto, à gente do Norte».

Apesar de também ter sido discutido na Assembleia da República, a 16 de janeiro de 2013, com base em projetos de resolução de

24 «RTP confirma saída para Lisboa da *Praça da Alegria*» (2012, 14 de dezembro). *Jornal de Notícias*. Retirado de: <https://www.jn.pt/sociedade/media/interior/rtp-confirma-saida-para-lisboa-da-praca-da-alegria-2948344.html>

25 «*Praça da Alegria* muda para Lisboa» (2012, 14 de dezembro). *Correio da Manhã*. Retirado de: <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/praca-da-alegria-muda-para-lisboa>

26 «Rui Rio ataca RTP» (2012, 18 de dezembro). *Expresso*. Retirado de: <https://app.expresso.pt/actualidade/rui-rio-ataca-rtp=f774793>

27 Peça RTP (2012, 21 de dezembro). Ver: https://www.rtp.pt/noticias/pais/vigilia-contr-o-fim-da-praca-da-alegria-na-rtp-porto_v613927

todos os partidos em defesa da RTP Porto e do reforço da sua capacidade produtiva, o desvio do *Praça da Alegria* para a capital já estava confirmado. Entre janeiro de 2013 e junho de 2014 foi, por isso, emitido a partir de Lisboa, com apresentação de Tânia Ribas de Oliveira e João Baião, que também sairia entretanto da RTP para a SIC. No *site* da RTP escreveu-se na ficha técnica do programa: «A Praça da Alegria mudou-se para Lisboa, mas a animação não conhece regionalismos ou apresentadores!» E referia-se o programa como «o *talk-show* da manhã que trata de todo o país».

No verão de 2014, o programa — que tinha passado a ser produzido com recurso aos serviços de uma produtora externa à RTP — sairia da grelha de programação, depois de uma quebra significativa de audiências e de a Google, segundo Jorge Gabriel, ter questionado a diminuição de acessos ao *site* do programa. O *Praça da Alegria* voltou em setembro de 2015 aos ecrãs e aos estúdios de Vila Nova de Gaia, no dia em que faria precisamente 20 anos. Regressou, porém, primeiro apenas como *Praça* (uma simpli-

ficação do nome que não funcionou) e com emissão encurtada (só até às 12 horas). Em outubro de 2018, com uma nova revisão do cenário e do formato, recuperou finalmente a pele do nome original e o horário 10h-13h.